

Patrão, quem escolhe?

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Circula pelas redes e pelas ruas uma interessante polêmica sobre um anúncio da Volkswagen. Na peça publicitária, Elis Regina e sua filha Maria Rita dirigem uma Kombi “clássica” e uma elétrica, respectivamente, cantando *Como nossos pais*, do Belchior. A cena, forjada a partir da inteligência artificial, parece real. Mas como Elis é morta, é como ela mesma cantava: as aparências enganam. Enganam mas comovem, como me revelou um amigo. Comovem mas enfurecem, como atestam os muitos detratores da insólita propaganda. E o argumento parece razoável: a Volks apoiou a ditadura militar (1964-1985) que Elis combateu. O comercial seria, portanto, um vilipêndio à memória da artista. No anúncio, Elis canta de corpo inteiro e até dirige uma Kombi, mas a realidade é que os mortos não falam. Por isso é impossível saber o que ela diria da controvérsia em torno de sua imagem: só é possível conjecturar. Então, lá vou eu, como tantos, ao campo minado das conjecturas. Grandes corporações quase nunca estão do lado certo da história. (O quase vai por conta da indústria do pai do Engels, aquele da dupla com Marx). No Brasil, as grandes empresas nacionais e multinacionais apoiaram a ditadura. Também teve gente boa que apoiou o golpe, como o escritor Rubem Fonseca e o jurista Márcio Tomás Bastos, que depois veio a ser ministro da justiça do governo Lula1. Como não podia deixar de ser, a grande imprensa apoiou a ditadura. A TV Globo, em especial, nasceu e cresceu com o “Brasil grande” dos militares. Ela absorveria, aos poucos, 99% da mão de obra dos artistas brasileiros. Na virada dos anos 1960 para os 70, ficou inviável fazer arte no Brasil. No teatro o caldo entornou quando os militares disfarçados do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) invadiram a peça *Roda Viva*, do Chico Buarque, espancaram e humilharam os artistas. O diretor da peça era o Zé Celso Martinez Correa, falecido há pouco. Fora o Nelson Rodrigues - o melhor reacionário que o Brasil já teve - os autores de teatro eram todos de esquerda. E com o endurecimento do regime, todos ficaram impedidos de trabalhar. Aconteceu que, exatamente naquele período, a TV Globo - financiada pelos governos militares - criava uma potente estrutura de produção de telenovelas. E o que aconteceu com os grandes autores de teatro? Viraram empregados do Roberto Marinho. Não só eles, como também os atores, figurinistas e técnicos em geral. Foi essa a turma - a nossa turma! - que construiu a televisão brasileira, uma indústria formidável de entretenimento internacionalmente reconhecida. Graças aos dramaturgos de esquerda que viraram empregados da Globo, os coronéis que apareciam impolutos no *Jornal Nacional* - com ou sem farda - se viram satirizados nas telenovelas. Quem assinava aqueles improváveis roteiros era gente do quilate de Dias Gomes, Lauro César Muniz e Bráulio Pedrosa, todos egressos do “Partidão”. Atores comunistas como Gianfrancesco Guarnieri, Francisco Milani e Mário Lago também trabalharam na Globo. A boa música brasileira se popularizou, em grande parte, graças às trilhas sonoras das novelas. Os discos, aliás, eram produzidos nas gravadoras multinacionais, todas de alguma forma comprometidas com o regime. Tudo isso torna a Globo uma ilha de resistência à ditadura?

Ou torna nossos artistas uns vendidos ao imperialismo da Vênus Platinada? Nem tico nem tacho: o jogo jogado é o do capitalismo. A nascente indústria da TV precisava dos criadores, e estes precisavam de emprego.

Essa realidade objetiva nunca agradou a esquerda. Confundido com o patrão, o proletariado da Globo foi muito patrulado naquela época.

O Dias Gomes, por exemplo, tinha muita mágoa dos camaradas do PCB por causa dessa patrulha. A música também não escapou do patronato global. Nos anos 80, Caetano e Chico fizeram um programa na Globo com seus nomes. Durou pouco, mas é uma pérola que ainda circula por aí.

Como todo bom empregado, os dois brigaram com a emissora: o Chico foi cancelado porque falou mal do Roberto Marinho no documentário “Muito Além do Cidadão Kane”, produzido pela BBC de Londres e proibido pela Globo por um bom tempo. O Caetano brigou por causa de alguma reportagem mal-ajambrada do Fantástico. Mais tarde, ambos fariam as pazes com o patrão. Quem também trabalhou muito pra Globo foi o Tom Jobim. Reza a lenda que o maestro trabalhava de graça, para popularizar sua música no Brasil. Duvido... De todo modo, quem assistiu à série “O tempo e o vento” sabe a diferença que ele fez para o repertório musical da teledramaturgia brasileira. O Tom, aliás, era um caso muito especial de relação patrão-empregado. Primeiro porque ele trabalhava nos Estados Unidos e tinha sua música reconhecida pelos ianques, o que não era bem visto por aqui. Segundo porque ele fez muita propaganda no Brasil.

As mais frequentes eram pra Brahma, dizem que pela cerveja. Conversa... A que mais rendeu polêmica foi uma pra Coca-Cola, com a música *Águas de Março*. Figuras como o Antônio Houaiss o acusaram de ter vendido a canção para o refrigerante... Como dizia o próprio Tom, “o Brasil não é pra principiante”. Mas como aquele sabiá da canção, vou voltar à Elis.

A cantora deixou três filhos, todos músicos: Maria Rita, João Marcelo Bôscoli e Pedro Mariano. São todos talentosos, mas no Brasil isso não quer dizer muita coisa. As gravadoras não vendem mais discos, as plataformas (como Spotify) pagam pouco, as telenovelas já não são um filão, e o sertanejo universitário virou uma monocultura, à moda do agro, no mercado musical. Com o consenso entre os irmãos, Maria Rita fez um comercial utilizando a imagem da mãe. Como a maioria dos artistas, provavelmente ganhou por obra. E, tomara, recebeu da Volks o que levaria um bom tempo para ganhar com outro trabalho. Maria Rita e os irmãos herdaram o patrimônio imaterial da mãe. No Brasil paga-se um imposto irrisório por heranças bilionárias, mas herdar um patrimônio cultural parece ser um pecado capital. E o trabalho artístico parece ter uma aura mística, como se não estivesse sujeito às circunstâncias e agruras do famigerado capital. Da minha parte, trabalho para o Estado brasileiro (sou servidor público da União), e não acho que ele seja um patrão nem melhor nem pior que a Volkswagen ou que qualquer outro. Inclusive, na ditadura o tal Estado brasileiro prendeu, torturou e matou gente inocente.

Quanto aos artistas, como de resto a grande maioria dos trabalhadores mundo afora, eles não escolhem patrão. E o fato dos artistas estarem na vanguarda não os torna diferentes dos trabalhadores em geral.

Elis, se viva estivesse, o que diria do polêmico reclame no qual parece vivinha da silva? A Pimentinha diria o seguinte: “Patrão, quem escolhe?” Não sem antes soltar uma enxurrada de palavões, bem à sua maneira.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.